

# Perspectivas teóricas e experiências educativas: a brincadeira na educação infantil

Franciele Ferreira França

SAVIO, Donatella; MORO, Catarina. *Giocare per costruire mondi: prospettive e esperienze per l'educazione infantile, tra Italia e Brasile*.<sup>1</sup> Milano: Franco Angeli, 2019. 222 p.

[...] precisamos deixar nossas crianças brincar. Simplesmente. Contudo, deixar brincar é: criar condições para... dar tempo para... variar espaços para... estabelecer parcerias com as crianças para... reunir as crianças para... deixar que as crianças se organizem para... ... as possibilidades são infinitas, tanto quanto as brincadeiras podem ser!

(Savio; Moro, 2019)<sup>2</sup>

201

É um consenso nos debates promovidos em torno da educação da infância que a brincadeira é tópico fundamental para nortear (e promover) seus princípios de qualidade. No entanto, se todos os estudos acerca do tema reconhecem, demarcam e defendem a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil, encontra-se, entre os pesquisadores, uma diversidade de perspectivas teóricas a basear suas análises. Isso acontece justamente porque “a brincadeira das crianças é um tema complexo e fulcral para o debate do cotidiano educativo e da qualidade das experiências oportunizadas às crianças nas creches e pré-escolas” (Coutinho; Moro;

<sup>1</sup> Uma versão em português, a ser publicada pela Editora UFPR, com o título *Brincar para construir mundos: perspectivas e experiências entre Itália e Brasil para a educação infantil*, encontra-se em fase de produção.

<sup>2</sup> Para as citações, utiliza-se a tradução do italiano feita por Luiz Ernani Fritoli para a publicação brasileira.

Vieira, 2019, p. 55). Fato que, ainda que provoque alguns dissensos na área, possibilita ampliar e maturar o olhar ao considerar e cotejar outras e demais abordagens, resultando em um refinamento teórico-metodológico a servir de base para novos estudos e proposições relacionadas à educação da infância.

Provocar novas discussões ou aprofundamentos em perspectivas já consolidadas pode ser entendido como um dos objetivos da obra organizada pelas pesquisadoras Donatella Savio e Catarino Moro com o intuito de ampliar as discussões sobre a temática da brincadeira infantil, detalhando abordagens e “pondo à prova” perspectivas teóricas; os estudos que a compõem “foram pensados como um diálogo intercultural, a várias vozes e em vários planos”. Tratando de contextos brasileiros e italianos, as autoras e o autor dos textos apresentados no livro, de forma separada, expõem suas ponderações, suas perspectivas e suas experiências, na tentativa de responder a algumas das perguntas constantes sobre a brincadeira para/das crianças pequenas: qual a sua natureza, seus significados, a relação entre brincadeira e educação, entre outras. E, juntos, pensam formas de deixar as crianças brincarem, simplesmente.

Partindo da premissa que “do ponto de vista pedagógico a brincadeira infantil é um tema crucial e complexo, que estimula perguntas e aprofundamentos em diversas direções”, a obra reúne importantes pesquisadores da área, compondo um catálogo de possibilidades para se pensar formas de deixar as crianças brincarem, paramentando outros pesquisadores que queiram se aprofundar na temática, mas também profissionais da educação que atuam diretamente com as crianças na educação infantil. Ou seja, trata-se de uma valiosa contribuição para os estudos relacionados, não só à educação infantil, mas àqueles voltados à criança pequena.

Quanto à organização interna, o livro se divide em duas partes: na primeira, composta por quatro capítulos, ocorre um intenso diálogo com distintas perspectivas teóricas sobre a brincadeira; já na segunda parte, dividida em cinco capítulos, são apresentadas algumas experiências educativas, tendo a brincadeira como norteadora. Em um primeiro olhar, pode parecer uma divisão arbitrária por parte das organizadoras, entretanto, ao adentrarmos, de forma mais atenta, nas páginas de cada texto, fica evidente o eixo comum que interliga os debates – “o reconhecimento do valor da brincadeira para a criança, para o seu ‘bom’ crescimento, e, portanto, para a educação infantil”. Mais do que isso, também nos é possível perceber, ao longo da leitura, o quanto as duas partes são complementares e convergentes.

É importante destacar que, na apresentação da obra, Donatella Savio e Catarina Moro têm o cuidado em contextualizar a temática da brincadeira em seus respectivos países, indicando os principais documentos que versam sobre a educação da infância na Itália e no Brasil, salientando que, em ambas as realidades, a valorização da brincadeira é um dos critérios de referência. Sobre o contexto italiano, além de uma síntese dos princípios teóricos que orientam esses documentos, o leitor é conduzido por um breve histórico dos avanços relacionados à educação infantil e aos entendimentos sobre a brincadeira, considerada um direito assegurado das crianças, assim como o direito à instrução, à educação e aos cuidados. O mesmo é enunciado sobre o Brasil, com a ênfase de que, no cenário brasileiro, a brincadeira é

compreendida como direito fundamental e, portanto, um eixo condutor do trabalho pedagógico.

O primeiro capítulo, de autoria de Donatella Savio, começa com a afirmação de que a brincadeira é uma referência imprescindível para quem trata da educação infantil, porém é ambígua, é evasiva e levanta questões difíceis de harmonizar. Embora apresente duas abordagens que pontuam uma definição em relação à brincadeira, Savio demonstra, ao confrontá-las, que estas acabam por corroborar os pressupostos que movem sua análise. Desse modo, ao invés de definir necessariamente o que é a brincadeira, a autora trabalha com a proposição de que uma das características constitutivas desta é o seu caráter indefinido e oscilante; para tanto, o mais acertado a fazer é tentar esboçar descrições sobre a brincadeira, pois, em suas palavras, esse é um modo de delinear seus atributos. Ao definir as características mais relevantes da brincadeira, a autora tensiona o papel do educador e da instituição educativa e afirma que “é preciso dotar-se de instrumentos educativos de referência para se orientar em relação a essa realidade incerta” que permeia a brincadeira.

No segundo capítulo, Catarina Moro e Joseth Jardim abordam as contribuições de Daniil Elkonin (Psicologia Histórico-Cultural) e Manuela Ferreira (Sociologia da Infância) em relação às discussões sobre a brincadeira. As autoras, em sua narrativa, dão destaque para o que consideram mais significativo dessas duas perspectivas, enfatizando o que Elkonin e Ferreira compreendem por brincadeira e qual o seu significado para as crianças e o impacto no desenvolvimento infantil. Moro e Jardim, a partir da síntese das ideias dos dois teóricos, demarcam que o brincar se configura “como um processo complexo sobre o qual e com o qual se aprende” e que este não pode ser apropriado “como algo inato, fácil, livre de disputas, descontentamentos, embates ou renúncias” (p. 46).

Já no terceiro capítulo, Anna Bondioli nos apresenta, em seu estudo, a brincadeira em Gregory Bateson e Jerome Bruner; o primeiro antropólogo e cientista social (entre outras especialidades), o segundo, psicólogo. A autora sintetiza as principais ideias desses teóricos, aprofundando ambas as perspectivas e as intercalando com o seu entendimento sobre a brincadeira infantil, já que também é uma importante referência na área. O importante das discussões empreendidas pela autora é seu intento em traduzir esses princípios para o campo educativo, problematizando as convicções analisadas com o intuito de contribuir para o entendimento e a valorização da brincadeira nas instituições de educação infantil.

O quarto texto nos apresenta a brincadeira na abordagem de Rudolf Steiner, materializada na Pedagogia Waldorf. Jonas Bach Junior e Silvia Beatriz P. Carneiro colocam em evidência a compreensão de Steiner sobre a brincadeira infantil e afirmam que, para ele, “o brincar [...] é multifacetado”, que se trata de um processo contínuo de descobertas, uma atividade permeada pela vivência infantil nas relações sociais e nas correntes culturais nas quais a criança se insere. Os autores ressaltam que a criança está propensa ao brincar, mas que o ambiente precisa estar em consonância com a natureza multifacetada desse brincar com vistas a oferecer o maior número de recursos para o seu desabrochar. Ao longo do capítulo, Bach Junior e Carneiro procuram pontuar como o brincar na Pedagogia Waldorf é compreendido e abordado contextualmente com as crianças.

Com o quinto capítulo inicia-se a segunda parte da obra, com ênfase nas experiências educativas que têm por eixo a brincadeira infantil. Paula Cagliari constrói sua narrativa demonstrando como a brincadeira dá forma ao projeto educativo em creches e pré-escolas de Reggio Emília, não sem pontuar os princípios teóricos que fundamentam esse projeto. Não por acaso, a forma como a autora ilustra as experiências vivenciadas denota como estas convergem com o defendido por Savio (no primeiro texto da obra) acerca da junção de estudo teórico e observação sistemática (p. 30). Cagliari propõe a tese de que é imprescindível promover nos lugares educativos uma diferente relação entre brincadeira e aprendizagem, e que é, ao olhar para a criança como “pesquisadora”, que se vale da brincadeira para conhecer e se reconhecer no desenvolvimento de suas linguagens, “[...] que encontramos a conjunção entre aprendizagem e brincadeira” (p. 92) sem descaracterizar uma ou outra.

No sexto capítulo, somos conduzidos para a experiência em uma instituição de educação infantil na cidade de Pistóia, na qual seus espaços são organizados em função do brincar das crianças. Ao abordar essa temática, Donatella Giovannini expressa um princípio que orienta a organização das creches e pré-escolas da cidade italiana, e este está no reconhecimento da brincadeira como direito da criança, na compreensão de que é a partir do brincar que ela se exprime e conhece o mundo. A autora demarca que a proposta pedagógica desenvolvida está alicerçada em uma reflexão sobre a prática. Ou seja, foi amadurecida ao longo do tempo, junto a um olhar sensível para o próprio fazer, o qual não se deu sem tensionamentos, mas resultou em uma proposta que considera essencial criar condições favoráveis a possibilitar o brincar infantil.

No sétimo texto, ainda em território italiano, dessa vez em Fossano, na região do Piemonte, a narrativa expõe as experiências de três professoras que atuam em distintas instituições escolares, unidas sob a mesma abordagem educativa e metodológica, que tem a brincadeira como norteadora. Cristina Galarvena, Adreana Giuberga e Claudia Reynaudo vão mesclando situações vivenciadas nas escolas com explicações fundamentadas a respeito das escolhas e proposições. As autoras pontuam que há uma grande influência do pensamento de Dewey nessa abordagem que, portanto, tende a promover o pensamento reflexivo nas crianças, ou seja, o processo educativo ocorre em um ambiente que acolhe e incentiva o interesse e a curiosidade infantil. Além disso, enfatizam que o adulto é o responsável por preparar esse ambiente, mas, depois disso, ele deve se tornar um *atento observador*, porque, entendida como uma atividade livre e prazerosa, a brincadeira é vista como uma experiência na qual a criança se expressa.

No oitavo capítulo, Sonia Regina dos S. Teixeira e Ana Paula M. Araújo, levam-nos para uma região ribeirinha da Amazônia brasileira e somos apresentados a uma realidade em que a escola desempenha um papel essencial no brincar infantil. As autoras descrevem que era comum as casas da comunidade serem bem afastadas umas das outras, devido aos extensos terrenos em que se localizavam, o que gerava um distanciamento entre os vizinhos e, por consequência, menos interação entre as crianças, a qual ficava restrita à relação entre irmãos. Com um olhar atento para essa especificidade, e junto à teoria vigotskyana, Teixeira e Araújo voltam-se para

essa região ribeirinha com o intuito de analisar e focalizar a dialética entre imaginação e realidade nas brincadeiras de faz de conta das crianças dessa comunidade. Com base no estudo realizado, as autoras perceberam que a ação do brincar dessas crianças estava profundamente perpassada pelo fazer dos adultos, especialmente, de seus pais, porque é esse o ambiente em que estão inseridas. Com isso demonstram que a brincadeira está diretamente relacionada às correntes sociais e culturais nas quais as crianças estão inseridas, nesse caso permeadas pela cultura das comunidades ribeirinhas e pela cultura amazônica.

Por fim, fecha o livro, o texto de Sandra Eckschmidt que discute a “brincadeira de casinha” a partir de duas realidades: no estado de Santa Catarina, no Brasil, e na Cidade do Cabo, na África do Sul, em duas instituições que têm por corrente a Pedagogia Waldorf. A autora nos conta sobre o *brincar livre* na escola sob a perspectiva de Rudolf Steiner, conduzindo-nos pelo mundo da brincadeira que se descortina quando uma “casinha” é montada. Sua narrativa apresenta relevantes problematizações sobre o tema, entre as quais se destaca a de que, para que o *brincar livre* aconteça, é preciso superar a ideia de que o brincar é um meio de atingir determinados conteúdos escolares. Além disso, salienta que, quando um educador tem interesse no brincar como expressão criadora da criança, tudo é importante (p. 184). Em seu texto, também podemos encontrar uma discussão sobre o papel do adulto na brincadeira infantil, e este aparece como o responsável por criar oportunidades para que o *brincar livre* possa se desenvolver.

Ao terminar a leitura da obra, tem-se a certeza de que se trata de um rico inventário teórico-metodológico a subsidiar futuros estudos sobre a criança pequena. Ademais, as perspectivas apresentadas tendem a fomentar um refinamento nas análises já empreendidas pela área, assim como a problematizar o papel do adulto (professores, famílias, demais profissionais) e da instituição educativa no brincar infantil.

### Referência bibliográfica

---

COUTINHO, Â. S.; MORO, C.; VIEIRA, D. M. A avaliação da qualidade da brincadeira na educação infantil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 49, n. 174, p. 52-74, out./dez. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/198053146174>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

---

Franciele Ferreira França, doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), é pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (Nepie/UFPR).

fran.f.franca@outlook.com

Recebido em 12 de agosto de 2020

Aprovado em 26 de outubro de 2020